

À memória de Darcy Ribeiro

Angela Ganem*

Trata-se de imenso desafio render uma justa homenagem ao grande brasileiro Darcy Ribeiro e à complexidade e importância de seu legado. Entretanto, e para nosso alento, Darcy, em seu último livro, “Testemunho”, publicado 12 anos após sua morte, nos fornece preciosas pistas para compreendermos o sentido maior de seus escritos, a importância de seus feitos e ainda os traços marcantes de sua personalidade. Seus bem-humorados e irônicos ditos nos mostram que nada nele foi realizado sem paixão, inteligência e ironia. Ao recuperar sua trajetória teórica e suas intervenções político/práticas, Darcy vai nos revelando a sua bela e incondicional paixão pela vida e pelo Brasil. Seus deslumbrados escritos às nossas matrizes índia e negra mostram a paixão alegre e esperançosa que teve pelo povo sofrido. Paixão que não ofuscou uma outra tão importante quanto: a indignação constante pela vida cruel que o capitalismo colonizador e atual impôs e impõe aos brasileiros explorados, pobres e marginalizados. Sublinho isso para contrapor à ideia triste da cientificidade ligada à neutralidade e à postura arrogante de inúmeros cientistas em seus discursos cada vez mais distantes e frios, que revelam a total falta de empatia com o drama e o sofrimento do povo. Darcy Ribeiro, para além de denunciar a alienação e a irresponsabilidade de uma boa parte dos intelectuais, mostrou que a indignação e a revolta são elementos vitais para se identificar o que realmente interessa, ou seja, as condições necessárias para superar o sofrimento do povo e construir um processo “civilizatório” digno desse nome no Brasil.

Seu olhar humanista o levou às mais variadas formas de estar no mundo: antropólogo atuante, teórico crítico, político, educador, romancista. Nestas poucas linhas destaco uma face de sua grandeza: a contribuição teórica do olhar inquieto e indignado do antropólogo crítico. Como marxista, Darcy construiu uma teoria sobre o Brasil a partir da perspectiva dialética, em que revoluções tecnológicas da base econômica e suas relações de classe devem ser compreendidas e articuladas aos valores e à cultura. Só dessa forma seria possível um processo dialético vivo, contraditório e aberto às novas questões. Sua resposta ao desafio de compreender a complexidade do “objeto Brasil” em sua totalidade antagônica o levou à crítica ao mecanicismo e ao “economicismo”, descaminhos provocados pelo dogmatismo stalinista, ao mesmo tempo em que o aproximou dos marxismos de Lukács e Gramsci. Acrescento que

* Doutora em Economia pela Universidade de Paris X. Professora colaboradora do Instituto de Economia da UFRJ

embora não declarada, Darcy sofre influência de Adorno em vários pontos de sua obra e sobretudo quando destaca a importância da dominação cultural massificadora da indústria cultural, promovendo os valores vazios do capitalismo atual. De toda forma, é no marxismo que trata da cultura, dos valores, da ideologia e da alienação como elementos cruciais a serem levadas em conta para processos de transformação social a que ele se aninha e em que se sente confortável.

Suas perguntas demonstraram a profunda extensão que sua teoria deveria cobrir. *Quem é o nosso povo? Qual a sua formação? Quais as possibilidades de transformação, de superação dos limites para a construção de um povo autônomo, livre, num Brasil justo?* As duas primeiras conduziram seu olhar para aspectos econômicos, políticos, étnicos, culturais e ideológicos. Dentre as condições necessárias destacou a questão que considerou nevrálgica: a superação da alienação consequência da dominação cultural sobre e no Brasil. Esta seria, aos seus olhos, a condição determinante para uma possível transformação em direção a um mundo melhor, um mundo civilizado. E sem titubeios afirma: um mundo socialista. Nesse processo teórico, Darcy destacou a importância da observação como uma grande aliada teórica e reforçadora de sua utopia de uma forma de vida alternativa a um mundo dividido em classes sociais. Sua vivência durante nove anos com os índios foi determinante. Aprendeu *a olhar os índios com os olhos deles mesmos* e constatou que a observação empática com os índios lhe deu o senso acurado de compreender a dignidade desses povos que não passaram pela estratificação social. Observou também que beleza e criatividade seriam atos naturais da vida diária. Em suas contundentes palavras: “Os índios foram me desasnando, fazendo-me ver que eles eram gente, capaz de dor, amor, vergonha, desengano. Gente que sofria a suprema dor de ser índio num mundo hostil, mas que guardava no peito um louco orgulho de ser índio”. (Ribeiro, 2009, p. 42) A vivência com os índios o levou às ações políticas que marcaram indelevelmente a defesa do povo índio, de sua cultura e memória no Brasil: o *Museu do Índio* e a criação do *Parque Indígena do Xingu*.

Para além de ações concretas constatou que a pesquisa de campo o libertou do formalismo estruturalista, do funcionalismo da etnografia e da esterilidade dos estudos de aculturação. Foi nesse momento que Darcy tomou conhecimento do atraso e do reacionarismo das teorias antropológicas em voga e fez duras críticas à atitude “seguidista” das teses em moda e à futilidade da temática clássica dos estudos etnológicos. Essas teses representavam em suas palavras: “[...] uma infecundidade científica ditada pela antropologia metropolitana, só visando a redigir o seu discurso doutoral, sem qualquer compromisso etnográfico, nem indigenista. Neutros enfim, diante do drama indígena”. (Ribeiro, 2009, p. 40)

No exílio de 10 anos resultado do golpe de 1964, atuou politicamente assessorando presidentes em diversos países da América Latina ao mesmo tempo em que delineou o projeto teórico que perseguiu até os últimos dias de vida. Seu edifício teórico, dentro de uma perspectiva de totalidade contraditória, incluiu sem titubeios o resgate da etnia e a importância da cultura para compreender o Brasil e suas mazelas e ainda nos deu condições de entender que é na superação dessas mazelas que está a potencialidade de transformação social. Não à toa articulou claramente a cultura à necessidade da educação, realizando intervenções históricas educacionais que marcaram o Brasil para sempre, como a criação dos CIEPS (Centro Integrado de Educação Pública) e da Universidade de Brasília. Em poucas palavras, Darcy defendia uma educação crítica, que resgatasse nossa cultura, como condição para a libertação do povo brasileiro.

A obra teórica de Darcy, intitulada *Estudos de Antropologia da Civilização*, envolve: *O Processo Civilizatório* (1968), *As Américas e a Civilização*, *O Dilema da América Latina* (1971), *Os Índios e a Civilização Brasileira* (1970), *Teoria do Brasil*, dividida em 1. *Os Brasileiros* (1969) e 2. *O Povo Brasileiro* (1995).

Em *Teoria do Brasil* Darcy elabora uma síntese atualizadora de suas obras anteriores, refazendo esquemas conceituais e finalizando com o estudo sobre as condições necessárias para a revolução capaz de superar o atraso e a dependência. Nesse último momento de vida escreveu também *Testemunho*, sua obra biográfica póstuma, finalizada em 1997 e publicada em 2009, trabalho, como já afirmei anteriormente, imprescindível para caminhar pelos feitos e escritos desse grande brasileiro. Nesta vasta obra destacou dois fenômenos que aparecem simultaneamente no processo civilizatório das sociedades ocidentais. Os *movimentos acelerativos* de autoconstrução, modeladores de povos autônomos, que expressam a progressão de um povo para outra etapa de evolução sociocultural, própria das economias centrais etapa na qual seriam preservadas a autonomia cultural e política desses povos. Já o fenômeno de *atualização histórica* diz respeito aos movimentos reflexos de atualização ou incorporação histórica que plasmam os povos dependentes, objetos de domínio do núcleo cêntrico (*proletariados externos, destinados a produzir excedentes para a manutenção dos padrões de vida do núcleo cêntrico*). Neste fenômeno, e para além dos elementos econômicos e sociais, são ameaçadas a cultura, a etnia e a política desses povos.

Para além da perspectiva histórica consensual entre historiadores, economistas e sociólogos de processos civilizatórios construídos em dois polos, os centros dominadores e as periferias colonizadas, Darcy destaca um ponto perturbador a ser estudado devidamente: a interrupção da linha evolutiva prévia dos indígenas e a inestimável perda de autonomia étnica e cultural. A este fenômeno nomeou

transfiguração. Etnias e nacionalidades surgem e se *transfiguram* dentro da corrente de expansão dos povos dentro do chamado “processo civilizatório”. Darcy analisou a *transfiguração* em três planos: tecnológico, social e ideológico, este último envolvendo a língua, os valores e a cultura. Para ele, tanto os conceitos de *aceleração evolutiva* e de *incorporação histórica* fornecem as vias de condução dos processos, mas não mostram suas causas e nem suas consequências trágicas. Faz-se necessário, segundo Darcy, considerar a questão crucial da transfiguração para a compreensão do processo de desenvolvimento ou de conformação das nações colonizadas. Só assim é possível entender segundo ele como os povos se transfiguram e quais as diferenças que explicam trajetórias diferenciais de desenvolvimento. Para isso introduziu três conceitos diferenciadores: *configuração étnica*, *deculturação* e *transfiguração étnica*. E, na exposição desses fenômenos, foi contundente e crítico: “Há uma antropologia de direita identificada com a ordem social vigente geralmente chamada de relativista, e outra de esquerda” (Ribeiro, 2009, pp 68) a qual se identifica, mas esta última deve “superar o marxismo dogmático incapaz de focalizar a realidade em si mesma. (Idem, pp 69). No fenômeno *transfigurações étnicas* destacou para além das inestimáveis perdas étnicas e culturais, as bravas resistências étnicas de índios e de negros aos violentos e dramáticos movimentos de conformação impostos pelas classes dirigentes ao longo de nossa história.

Seu ponto de partida para o estudo de nossas matrizes originárias revelou de forma profunda, bela e ímpar as nossas raízes. Da matriz indígena, nossa matriz genética e agente cultural, Darcy sublinha o que de mais belo herdamos: a experiência milenar de adaptação ecológica e a fórmula de sobrevivência nos trópicos. Da ligação dessa matriz genética com o branco nasceu o mameluco, o *brasilíndio*, um mestiço gerado por europeus nos ventres de mulheres indígenas. Os índios sofreram tanto as consequências desastrosas do “desenvolvimentismo” cego quanto da introjeção de valores impostos pela igreja católica através de seu plano jesuítico salvacionista. O primeiro provocou perseguição e mortes, e o segundo uma triste consequência: a vida que era uma dádiva para os índios se torna sofrimento, castigo e culpa. De outro tanto, os índios, para manterem sua identidade e cultura e enfrentarem a imposição econômica e ideológica de um mundo que não era o seu, lutando e sofrendo massacre das guerras e do avanço do “progresso” em um enfrentamento nada idílico que foi e continua sendo uma hecatombe. Apesar da constatação dessa tragédia viva, Darcy nos deixa a ideia de que os índios quanto mais são perseguidos mais buscam suas raízes, mais se aprofundam dentro de si mesmos.

A matriz negra constituída pelo povo negro cassado da África é o *testemunho vivo dos horrores da escravidão*. Dos negros, Darcy afirma com orgulho que apesar

de serem desenraizados, deculturados, desumanizados cruelmente, nós brasileiros herdamos deles, seus valores, sentimentos, musicalidade, gostos e crenças.

Darcy constata que os negros conseguiram honrosamente, depois desse processo de *desfazimento*, em que tudo lhes foi negado, habitação, educação, assistência, se mantiveram humanos, resistindo bravamente e enobrecendo nossa cultura. E cita como realizações o carnaval, iemanjá, a capoeira, o samba do morro, o samba de raiz, o pagode, os movimentos funks e o futebol”. Sabemos que não parou por aí. As poucas possibilidades educacionais que lhes foram oferecidas são aproveitadas com garra e inteligência por esse bravo povo negro.

Já as referências de Darcy à matriz branca são desabonadoras, como não poderiam deixar de ser. Ela, como promotora dessa façanha colonizadora sangrenta, foi a reprodutora das instituições ordenadoras da vida social e agente de expansão cultural que criou nas Américas réplicas de suas pátrias de origem, linguisticamente e culturalmente mais homogênea que tais pátrias de origem. Como classe dominante, implantou feitorias de escambo, fazendas (modelo organizacional de empresa) e a escravidão. No capítulo de *Teorias do Brasil* intitulado “Alienação e classes sociais”, afirma acidamente que a nossa classe dominante é *alienada e alienante*, incapaz de ver e compreender a sociedade em que viveu e vive. Seu componente erudito não se constituiu como burguesia e sua perspectiva classista foi a de manutenção da dependência aos centros de poder. A consequência direta foi a sua não proposição de um projeto de desenvolvimento autônomo para o Brasil

Darcy destaca que o Brasil foi experimentando um caldeamento racial ou entrecruzamento cultural que deu lugar ao advento maciço de mestiços gerados por europeus e índias (mamelucos, depois caboclos) e de mulatos gerados por europeus e negras, um estrato-social intermédio, distanciado das matrizes originais. Já o crioulo era o que nascia aqui. A conjunção das matrizes originárias – indígena, africana e europeia (imposta pelo colonizador) – deu lugar a uma *protoetnia*, um novo tecido cultural e socioeconômico resultado da agregação de novos contingentes humanos e culturais.

Darcy define o Brasil dentro da categoria de “povos novos”, que, diferentemente de outras configurações étnicas, são populações oriundas do entrecruzamento cultural e de um processo de *deculturação* de suas origens índias, africanas e europeias.

E ainda afirma que somos povos tábua-rasa, desapegados de nosso passado, a nós resta o futuro (e, portanto, chamados a criar uma nova condição humana, quiçá mais solidária) e uma utopia de transformação de nosso povo no caminho de uma nova condição humana. Entretanto a realização dessa utopia passa por uma exigência

inadiável: compreender o que foi o processo de *deculturação, desenraizamento pelo caldeamento, aculturação e emprobrecimento cultural*. O negro e o índio, primeiro desumanizados (tratados como coisas ou como bichos), boçais, re-humanizados se converteram em ladinos (ladino que vem de latino e quer dizer povo latino/ americano), na sua expressão “uma ninguendade”, que é o brasileiro. Uma nova espécie no plano étnico, não indígena, não africana, não europeia e inteiramente distinta de todas elas. Esse *ninguém* e homem tábua rasa é o brasileiro comum que se construiu mais receptivo às inovações do progresso que o camponês europeu tradicionalista. Por outro lado, e não menos importante, Darcy destaca em todos seus principais livros que o brasileiro é sobretudo um homem traumatizado e deculturado, produto do caldeamento racial de seus contingentes e de sua aculturação no corpo de novas etnias. Daí a importância de estudos sobre *processos de deculturação e trauma*, processos traumáticos de natureza *biótica, econômica e psicossocial*. “Biótica” pelas epidemias, “econômica” por massacres e etnocídios, mesmo levando em conta as bravas resistências dos índios e as lutas cruentas dos negros contra a escravidão. Já os processos de natureza psicocultural são processos traumáticos oriundos do sofrimento causado pelo preconceito social e pela discriminação interiorizada em seus valores básicos, que produzem as mais variadas e sérias doenças psíquicas. Para Darcy, nos *processos de deculturação e trauma*, há, no Brasil, um aspecto ainda mais perverso: a imagem de solidariedade quando de fato se desarma o negro da luta contra a pobreza e se dissimula as condições a que é submetido. Essa ideologia assimilacionista ilude e esconde que a vitória só é alcançável com a revolução social.

Neste ponto, sublinho a constatação de Darcy na leitura do discurso ideológico neoliberal, teoria e ideologia que se sustentam na elegia ao individualismo, à concorrência e à introjeção da fatalidade na naturalização da pobreza na ideia perversa de que o indivíduo (pobre) é o responsável por sua própria pobreza. Entretanto, Darcy vai além ao constatar que o fundamentalismo do mercado no Brasil dá mais um passo na sua perversidade, destacando a raça como fator de atraso. Ou seja, índios, negros, mulatos são os responsáveis por seus próprios fracassos.

Além de toda essa violência econômica, social e psíquica, Darcy adiciona mais um elemento na *deculturação* sofrida: a violência imposta pela indústria cultural através da rádio, cinema e TV, uma massa de bens culturais que carregam o marketing de uma forma de vida vazia, voltada para o consumo, no capitalismo atual. Darcy sublinha que todos esses fenômenos ameaçadores da vida e da cultura brasileira se fazem com a conivência de uma classe dominante que, entre outros desabonos, é “enferma de desigualdade” e se afunda na defesa do espontaneísmo do mercado e na irresponsabilidade social do neoliberalismo..(Ribeiro, 2008, p. 247). Mas em

contrapartida, Darcy sublinha esperançoso que mesmo sofrendo todas as formas de dominação, o Brasil vai se construindo e ainda pode ensinar o mundo a ser mais feliz. Seu prognóstico entusiasmado pode ser resumido nesta frase: “O Brasil ainda será uma nova Roma, matriz ativa da civilização neolatina. Melhor que as outras, porque lavada em sangue negro e em sangue índio, cujo papel menos que absorver europeidades, será ensinar ao mundo a viver mais alegre e mais feliz”. (Ribeiro, 2008, p. 265)

Mas como em Darcy nada é simples, linear, previsível, a par da utopia de um Brasil alegre e feliz está o antropólogo, educador e político realista que, ao receber o Título de *Honoris Causa* na Sorbonne em 1978, arrebatou o público com suas palavras amargas, certeiras sobre seu trágico *fracasso* em tudo a que se propôs: a salvação dos índios, a escolarização para todas as crianças brasileiras, a reforma agrária e a Universidade de Brasília como promotora do desenvolvimento. Mas não ficou aí. Com coragem e lucidez afirmou em seguida: “*tenho orgulho dos meus fracassos, não queria estar do lado dos que venceram*”. Sim, Darcy, com certeza. E nós nunca poderíamos imaginar que esses “fracassos” fossem apenas a ponta do iceberg do retrocesso econômico, político e social que o Brasil tem vivido nos últimos anos sob a égide deste atual desgoverno.

Darcy morreu em 1997 após finalizar *O Povo Brasileiro*, livro que Antônio Cândido considera como entre as dez mais importantes interpretações do Brasil. Faço meus tanto o pesar pela partida desse grande brasileiro como a provocadora e inquietante questão de Eric Nepucemo no prefácio do livro:

Darcy cometeu a suprema indelicadeza de ir-se embora num 17 de fevereiro de 1997, uma segunda feira perversa. Muitas vezes me acossa a curiosidade de saber o que diria ele dos rumos desse mundo e desse país em que acreditou até o fim. Saberemos ser merecedores da sua Memória?

(Ribeiro, 2009, p. 11)

Referências

- Ribeiro, Darcy, 2008- *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Ribeiro, Darcy, 1972- *O Processo Civilizatório*, São Paulo, Civilização Brasileira.
- Ribeiro, Darcy, 2009- *Testemunho*, Fundação Darcy Ribeiro, Editora Apicuri,/ Editora Universidade de Brasília.
- Ribeiro, Darcy. 1978 *Os Brasileiros 1. Teoria do Brasil*, RJ Editora Vozes
- Ribeiro, Darcy 1975- *A Universidade Necessária*. Editora RJ Paz e Terra